



KOYO, O SAPO CURURU
TRADUÇÃO CLARENS CHERY

KriK?

KraK!

Naquela época, os sapos e as rãs tinham cabelos, viviam em rios e nascentes junto com os peixes. Todos os animais estavam felizes, exceto Koyo, o sapo cururu, o infeliz apaixonado. À noite costumava ficar sozinho sentado na beira do rio observando a lua e rouquejando pelas belas rãs.

Koyo tem um chamado tão alto que não deixava a coruja zonzinha, até pode machucar os ouvidos dos vagalumes se aproximar demais.

Basta expelir o ar dos pulmões por contrações musculares na área do tronco que entra na boca pela laringe. A produção de som envolve os músculos do dispositivo laríngeo e os sacos vocais que transmitem o som.

— - Krouuuuuu Kouuu Kouuuu Kouuuuu Krouuuuuu! Que sapo infeliz sou eu! — Rouquejava e se olhava na água.

Era o início do verão, o sol caribenho era tão forte que até a raposa saiu da sua toca para se refrescar.

Koyo ficou mais incomodado ao ver os animais se reunindo na beira do rio em família. A ratazana tem uma família grande para saciar a sede, sem contar do banho matinal das pombas e das piriQUITAS. Tudo irritava Koyo.

Então ele decidiu bolar um plano para expulsar todos os animais do rio. Esperou Simbi Mami Wata dormir, para ele roubar o seu pente encantado para fazer um pedido. Pulou dentro da água e nadou até o profundo. Pegou o pente da Simbi e subiu depressa para não despertar ela.

— Pente encantado, desejo ter a chave da água — Disse ele em cururuquês.

De repente o pente se transformou numa chave de ouro. Em duas voltas vigorosas da chave, bloqueou o abastecimento de água e a fonte secou.

Ao anoitecer o tatu do mato foi beber água, mas para sua surpresa o rio estava seco.

Rodou para lá, rodou para cá, nadinha de água.

— Quem está aí? — Perguntou Koyo.

— Sou eu o tatu do bosque e quero tomar um pouco de água.

— -Um buraco abriu no chão e engoliu toda a água, meu caro — lhe respondeu o sapo.

— Kokiyoukou! — Todos ouviram cantar o galo sem saber onde foi.

— Quem está aí? — Perguntou o Sapo.

— Sou eu o galo [Coq Batay] quem pede um pouco de água.

— Meu caro [Coq Batay], não tenho boas novas pra te contar! Chegou o verão e secou o rio. — Disse o Sapo.

— Kokiyoukou! Kokiyoukou! Kokiyoukou! — Cantou [Coq Batay] com tristeza ao sair cabisbaixo.

— Crruu! Crruu! — Chegou a Madame Pomba com dificuldade em avançar porque seu marido está girando em torno dela.

— Quem está aí? — Perguntou o sapo.

— É a Madame Pomba quem pede um pouco de água.

— Sra. Pomba, tu que és da paz. Afasta essa gente de mim. Agora é o tempo de rouquejar. Disse para eles que o rio secou, a água transbordou para debaixo do solo. Devemos esperar a primavera ou podem se mudar para outra região de Artibonite. Tem bastante lugar para viver na cidade de independência.

Madame Pomba arrulhou tristemente, virou-se cabisbaixa, bateu as asas e se foi.

Ouviu-se um canto saindo debaixo da terra, era Mami Wata que estava dormindo e quando acordou correu para tomar seu primeiro banho de verão. Todos os animais ficaram assustados ao vê-la. Tinha uma pilha de conchas redondas entre a grama seca onde assentava Koyo.

— Eu não sou uma sereia em Paris. Aquela criatura que se apaixona por um cantor que tinha o coração endurecido. Também não sou Ariel, a sereia da Disney. Sou a Simbi Mami Wata, a entidade espiritual, a caída. Pelos meus devotos, manifesto a força mística entre os dois mundos: do Espírito e do Homem. Me chamam também de “mãe das águas”, sou uma deidade milenar, muitas vezes vista como uma sereia, também em diversas culturas do continente africano. Quem se atreveu a roubar o meu pente? — Disse a criatura.

— Foi o sapo quem roubou o seu pente para ofertar à sua rã — respondem os animais juntos.

Simbi ordenou que o sapo devolvesse a chave às águas. Ela girou a chave com tanta força que a água se espalhou novamente pelos juncos de [Ti Rivyè Latibonit]. As cigarras voltaram a cantar, os animais beberam até se faltar. Simbi perdoou o sapo, mas com uma condição: que ele nunca mais nadasse em águas profundas.

Desde aquele dia não há mais sapos e rãs nadando com os peixes nos rios. As patas curtas impedem saltos a grandes distâncias e ficaram carecas até hoje. Eu vi uma rã no jantar da vizinha francesa, aproveitei para perguntar onde estão seus cabelos. Ela pulou no meu peito e cai aqui para te contar esse conto.